

CASTELO BRANCO, Edwar de A. (org.). **História, cinema e outras imagens juvenis**. Teresina: EdUFPI, 2009. 169 p.

## **Cinemar, (de)compor, escrever: caleidoscópios juvenis em perspectiva**

*Filmaking, (de)composing, livwriting:  
juvenile kaleidoscopes in perspective*

Fábio Leonardo Castelo Branco Brito<sup>1</sup>

As últimas décadas assistiram a um profundo rearranjo na oficina dos historiadores. Sequencialmente, a *linguistic turn*, a *cultural turn* e, por fim, a *visual turn*, acontecimentos que povoaram os campos e canteiros da história e redefiniram seus domínios nas últimas cinco décadas, acabaram por gerar uma variedade cada vez maior de possibilidades de abordagem do passado. Entre os diferentes aspectos deste rearranjo conceitual e temático, destaca-se o crescente interesse de historiadores por responder como a imagem funciona socialmente, produzindo significados.

*História, cinema e outras imagens juvenis*, coletânea de artigos organizada por Edwar de Alencar Castelo Branco – pesquisador do CNPq que vem, no interior do Grupo de Trabalho “História, Cultura e Subjetividade”, liderando várias pesquisas sobre a articulação entre cinema, história e juventude –, é um exemplo de como os historiadores podem e devem recorrer a fontes antes pouco valorizadas para discutir os sujeitos numa amplitude igualmente negligenciada pelas temáticas tradicionais. A juventude, como categoria de análise historiográfica, aparece nos trabalhos do grupo através de suas táticas e práticas ordinárias, sempre antagônicas em relação à dominação panóptica.

Dialogando com conceituações acerca das imagens do Brasil contemporâneo, a obra reúne o resultado de pesquisas que versam sobre os mais diversos temas, todos convergindo para a juventude brasileira em suas artes e artimanhas durante os anos de 1960 e 1970. O livro abrange desde

---

<sup>1</sup> Graduado em História pela Universidade Estadual do Piauí; mestrando em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí. E-mail: fabioleobrito@hotmail.com

textos referentes à produção fílmica em super-8 – muito em voga ao final dos anos 1960 e por toda a década de 1970 – às peripécias estudantis e à “periferia rebelde” paulistana entoada por *enfants terribles* como Roberto Piva e Cláudio Willer. Tudo para configurar um *close up* das múltiplas imagens juvenis no Brasil da época.

O experimentalismo marginal e sua relação conflituosa com os modelos comercialmente padronizados, bem como suas divergências com o chamado Cinema Novo e seus representantes, são alguns dos aspectos abordados, com os quais os autores vão traçando o quadro das experiências e tensões culturais do período. Além disso, uma questão perpassa a maioria dos textos, explicitando o principal objetivo da obra: pode-se falar, no caso do Brasil, em *Cinema Marginal* ou *Poesia Marginal* sem, necessariamente, apagar diferenças historicamente relevantes?

Nos escritos, é possível perceber a presença de um cinema juvenil, fugindo dos padrões hollywoodianos, em diversas regiões do país: das estranhezas e controvérsias de Glauber Rocha, em *O Pátio*, sua obra inaugural, às flanâncias e peripécias do experimentalismo fílmico nordestino, quando são postos em destaque filmes de Geneton Moraes Neto, Jomard Muniz de Brito, Torquato Neto e Edgar Navarro. A “geração Torquato Neto”, aliás, é um dos eixos do livro, na medida em que vários artigos enfocam a influência do poeta tropicalista, mesmo depois de sua morte.

Na obra, fragmentos da multifacetada juventude dos anos 1960 e 1970 aparecem formulando novas linguagens e sustentando uma guerrilha semântica com a qual avançavam sobre os padrões estabelecidos. As possibilidades se ampliam, e nos levam a encontrar, na arte experimental do pernambucano Jomard Muniz de Brito, uma multiplicidade de estéticas, bem como uma busca constante por uma “revolição” cultural, fundamentada na desconstrução dos “monstros sangrados” da tropicologia armorial – Gilberto Freyre e Ariano Suassuna.

As peripécias estudantis durante a ditadura militar e, de modo particular, o emblemático ano de 1968, são contemplados em textos de Durval Muniz de Albuquerque Júnior e Ana Maria Mauad, dos quais emerge uma nova compreensão daqueles tempos: da grandiloquência que só enxergava uma abstrata sociedade civil em confronto com os militares, o interesse desliza para, como afirma Albuquerque Júnior, “o acontecimento como o encontro momentâneo, em grande medida casual e aleatório, de uma

multiplicidade de outros eventos, nem sempre contemporâneos ou coexistentes” (p. 85).

A contracultura, um dos aspectos destes acontecimentos aleatórios, se apresenta em imagens, fotografias, conceitos e músicas. O surrealismo do rock baiano de Raul Seixas deixa transparecer, em músicas como “Medo da chuva”, uma faceta pouco explorada de seu romantismo, ao mesmo tempo em que, desconstruindo o ideal de liberdade pregado por sua filosofia *hippie*, demonstra, em letras como “A maçã” e “Tu és o MDC da minha vida”, um pouco percebido conservadorismo no tocante às relações conjugais.

Articulando pesquisadores atuantes em diferentes e importantes universidades brasileiras, entre as quais a USP, a UFF e a UFSCAR, a obra ecoa discursos dissonantes e aventuras culturais, desafiando e desnaturalizando visões pragmáticas do Brasil, da ditadura militar e, mesmo, da juventude brasileira nos decantados “anos rebeldes”. No limite, um rico conjunto de imagens que articulam a *estética do lixo*, o vômito dos dogmas e a dessacralização de “monstros sagrados” do pensamento social brasileiro.

Se, como preconiza Deleuze, escreve-se para apagar-se e tornar-se a si mesmo invisível,<sup>2</sup> *História, cinema e outras imagens juvenis* reafirma que,

[...] por mais que se diga o que se vê, o que se vê não se aloja jamais no que se diz, e por mais que se faça ver o que se está dizendo por imagens, metáforas, comparações, o lugar onde estas resplandecem não é aquele que os olhos descortinam, mas aquele que as sucessões da sintaxe definem.”<sup>3</sup>

*Resenha enviada em abril de 2011; aprovada em novembro de 2011.*

---

<sup>2</sup> DELEUZE, Gilles. **O que é a filosofia?** São Paulo: Ed. 34, 1996. p.60.

<sup>3</sup> FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p.25.